

**A primeira viagem de circumnavegação:  
histórias conectadas  
e perspectivas biográficas**

The first voyage of circumnavigations:  
connected histories  
and biographical approaches

---

Coord.

Rui Manuel Loureiro  
Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes;  
CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

Dejanirah Couto  
École Pratique des Hautes Études



## Introdução

Em 2019 passam 500 anos sobre a data da partida do porto de Sevilha de uma armada de cinco navios comandada por Fernão de Magalhães. O navegador português, incompatibilizado com el-rei D. Manuel I de Portugal, fora colocar-se ao serviço de Carlos I de Espanha, propondo-se encontrar um caminho marítimo para a Ásia pela via ocidental. Ou seja, retomava o projecto de Cristóvão Colombo, que menos de três décadas antes fracassara, ao topar com uma larga massa de terra na parte mais ocidental do Atlântico, a qual com o correr dos anos se revelara intransponível. O acesso de navios espanhóis à rota do Cabo estava interdito, nos termos do Tratado de Tordesilhas, que fora assinado entre as coroas ibéricas em 1494. Por esse motivo, Espanha procurava um caminho alternativo para a Ásia das especiarias, onde os portugueses estavam desde 1498 a construir uma presença sólida, que com o correr dos anos daria origem ao chamado Estado da Índia. A passagem desta efeméride é uma boa ocasião para revisitar a história desta histórica viagem, dos seus protagonistas e da extraordinária conjuntura em que se inseriam.

O presente dossier propõe um olhar reformulado sobre as circunstâncias da viagem, o périplo propriamente dito e a personalidade do navegador. Aparentemente, a gigantesca, internacional e muito biselada historiografia sobre a viagem de Fernão de Magalhães parece hipotecar qualquer perspectiva séria de uma nova abordagem, dado que esta dependeria também da descoberta de nova documentação. Mas a verdade é que a viagem e o seu capitão-mor têm sido tratados sobretudo sob o ângulo factual, privilegiando uma narrativa histórica sequencial – quando não totalmente mitificada com intuítos políticos e ideológicos, assumindo laivos de *roman historique*.

Para analisar um evento proteiforme e de tão amplo significado a nível mundial, é decerto possível ir mais longe, se se abordarem vertentes específicas, envolvendo a produção de saberes científicos e empíricos em torno

da viagem (conhecimentos geopolíticos, etnológicos e naturalistas, técnicas de navegação, morfologias da representação artística, etc.), ou as que cobrem diversos terrenos da história social. Por outro lado, identificar tripulações da expedição ou populações autóctones com as quais os homens de Magalhães entraram em contacto é sem dúvida necessário, mas insuficiente.

Por estas razões, a escolha dos editores deste dossier temático, que se inscreve na sequência dos debates em torno dos actuais paradigmas definindo a disciplina histórica, recaiu sobre uma forma específica de abordagem do périplo magalhânico, que, tanto quanto sabemos, não foi ainda aplicada à viagem de circumnavegação. Com o objectivo de melhor apreender os seus variados aspectos, tentou-se abrir novas perspectivas através de uma série de contribuições de cariz biográfico, em que a circumnavegação é estudada através dos múltiplos ângulos de visão, ou seja através de um *networking* de itinerários de personagens que gravitaram em torno de Magalhães, e que de algum modo influenciaram a viagem ou a memória colectiva que dela se construiu ulteriormente, tanto em Portugal como nos países directa ou indirectamente a ela ligados. É portanto no ponto de vista das biografias do *in-grupo* à volta do navegador, das suas interacções (ou não), das suas circulações, e das suas participações no projecto de Magalhães, que as contribuições dos participantes deste dossier temático se situam. Deste modo, o indivíduo aparece aqui como vector de uma história que se desenvolve a vários níveis e que se constrói simultaneamente, numa cronologia determinada, à volta do indivíduo e à volta do grupo.

A escolha de estudar a viagem de circumnavegação e o seu empenhador através das biografias do seu círculo social mais próximo, ou de personagens indirectamente relacionados com a viagem, responde a uma outra opção, que tem a ver também com os paradigmas actuais da disciplina histórica. Do mesmo modo que o acesso a diversos acontecimentos do passado se pode agora fazer, de modo descomplexado, através das datas<sup>1</sup>, sem o estigma de se pretender reproduzir uma perspectiva tradicional dominada pela “história factual”, também agora nos encontramos no final de um processo de lenta mas segura reabilitação do género biográfico, duplamente desprezado e banido no século XX. O primeiro período de rejeição da biografia foi aberto pela revista *Annales*, no final da década de 1920, e o segundo no pós Segunda Guerra Mundial, mais concretamente em 1945, pela mão de Fernand Braudel e alguns outros historiadores.

---

<sup>1</sup> Ver a introdução de Romain Bertrand, *Une autre histoire des découvertes* (Paris: Le Seuil, 2019).

Esta segunda época assistiu à ascensão da história económica e social, intimamente ligada ao paradigma estruturalista e marxista. Na óptica de uma história quantitativa e abstracta, onde a ênfase era posta nos movimentos de massas e na dinâmica de classes, o individual – e a biografia sendo a sua perfeita expressão – foi pouco a pouco relegado, conotado com uma história factual sobretudo diplomática e político-militar, privilegiando biografias de “grandes homens”, datas de batalhas, narrativas de reinados e tratados, acusada, *in fine*, de pouca cientificidade, já que a sua elaboração privilegiava forçosamente formas discursivas de estilo literário. Graças também à influência da então ainda jovem disciplina da Sociologia, o que interessava era dar atenção à *longue durée* das forças colectivas e anónimas, às transições e mutações institucionais, às condições económicas e sociais, abandonando simultaneamente a precaridade do tempo curto do “acontecimento”, a bitola pela qual se orientava finalmente a vida humana. Noutros termos, havia pois que estabelecer um certo número de leis, partindo da aferição de relações estáveis e regulares que condicionam sistemas de causalidade: o indivíduo deixava de ser considerado na sua singularidade, para passar a fazer parte do colectivo, integrado numa complexa rede de sistemas simbólicos que lhe retiravam a autonomia como actor histórico. Não havia pois razão para continuar a produzir biografias.

Embora esta nova epistemologia tenha feito globalmente numerosos adeptos, tanto na Europa como fora dela, o certo é que as antigas práticas de fazer história não desapareceram. Ao contrário, resistiram aqui e além, por razões variadas que não será necessário evocar aqui. Na década de 1980, não foi sem dúvida estranho ao renascer da biografia, como uma das formas de fazer história, o facto de que continuava a ter ampla aceitação popular para além dos círculos universitários onde se gizavam historiografias: para o grande público, a identificação do leitor com o biografado era bem mais acessível que a austera interpretação estatística dos dados históricos. Embora por vezes com algum desfasamento, a História, como campo de conhecimento, foi sempre fazendo eco ao momento político e social. A crise das ideologias e dos modelos de inteligibilidade vigentes no século XX, sobretudo os do marxismo, teve um impacto considerável na disciplina, como aliás noutros campos de investigação das ciências humanas; os anos 1990 assistiram à progressiva reabilitação de uma História privilegiando agora a articulação do político e económico ao cultural, dando ênfase ao singular, aos percursos individuais, às práticas sociais e às mentalidades que as construíram e, concomitantemente, abrindo novos

espaços aos estudos de casos e à chamada micro-história. Permitindo um mais fácil manejo das escalas – essenciais ao trabalho do historiador – esta foi-se tornando, com efeito, uma das ferramentas da história conectada e da história global. Paralelamente, o questionamento atingiu igualmente a história económica, criticada por não levar suficientemente em conta a dimensão social<sup>2</sup>.

Todavia, no que diz respeito à biografia, era impossível voltar atrás, e tal como Pierre Bourdieu fez notar nalgumas das suas críticas ao projecto biográfico<sup>3</sup>, não fazia sentido escrever biografias tal como tinham sido elaboradas no período fasto da história factual: lineares, coerentes e lógicas, quando o percurso individual é fragmentário, contraditório, imprevisível e sempre extraordinariamente complexo, porque (para além dos contextos sociais) se encontra fundamentalmente enraizado em problemáticas identitárias e na psicologia do indivíduo. A biografia veio assim a tornar-se um autêntico laboratório de elaboração da História, e um desafio para o historiador, levando Jacques Le Goff a declarar em 1999 que a biografia era «o *summum* da profissão de historiador»<sup>4</sup>. Ao abordar a problematização suscitada pela documentação, permitia um questionamento permanente das metodologias utilizadas, logo que surgia a necessidade de inscrever o singular no colectivo, e de integrar simultaneamente os aspectos aleatórios inerentes ao factor humano, entre os quais se contava a dinâmica subjectiva das trajetórias dos actores. Assim, e tal como o preconizava Lucien Febvre, a nova biografia não extrai o indivíduo do seu contexto, e aceita-o até certo ponto como fruto do meio social em que se move. Mas presta agora uma atenção redobrada a outros parâmetros que associam simultaneamente a dimensão individual e a colectiva, respeitando a reabilitada liberdade individual<sup>5</sup>.

Entre as diversas soluções que se apresentaram, a introdução da história das representações na biografia, veio permitir uma melhor articulação de todos estes factores, já que permite integrar a diversidade de uma época, pensar a dimensão concreta do indivíduo, e incorporar no trabalho biográfico os universos ficcionais – mitos e lendas – que construíram o imaginário individual e que o incorporaram numa comunidade

<sup>2</sup> Ver os modelares trabalhos de Francesca Trivellato (Institute for Advanced Study, Princeton).

<sup>3</sup> BOURDIEU, Pierre. 1986. « L'illusion biographique ». Actes de la Recherche en Sciences sociales 62-63: 69-72.

<sup>4</sup> Entrevista ao jornal *Libération*, 7 de Outubro de 1999.

<sup>5</sup> Ver LEVI, Giovanni. 1989. « Les usages de la biographie ». Annales E.S.C. 44 (6): 1325-1336.

social de destinos. É certo que a nova biografia como género histórico faz também surgir outro tipo de problemas – dos quais a determinação da veracidade, não do percurso de vida do biografado mas da sua personalidade “real”, é um dos mais relevantes. Contudo, esta problemática requer outros instrumentos de análise que não serão aqui examinados. O que interessa sublinhar é que, apesar do questionamento incessante a que as crises mundiais submetem a História como campo de conhecimento no século XXI, muitas outras opções se nos oferecem ainda na actual escrita da biografia: estudos de casos de personagens obscuros (de que testemunham os trabalhos de Carlo Ginzburg, entre muitos outros), biografias cruzadas, biografias indirectas (escritas por contemporâneos do biografado) biografias colectivas sob forma prosopográfica – as opções são diversas, e os ângulos de visão em aberto, múltiplos. É neles se inscrevem pois as contribuições do presente volume.

A ideia original deste dossier contempla então uma série de biografias, escritas por especialistas desafiados para tratarem determinadas figuras, directa ou indirectamente ligadas à primeira viagem de circum-navegação, utilizando a língua de sua escolha. Fernão de Magalhães é o primeiro e incontornável nome desta lista, sendo a sua figura abordada por Isabel Soler. Segue-se um dos companheiros de Magalhães, e rigoroso cronista de toda a viagem, Antonio Pigafetta, cujo percurso é traçado por Nunziatella Alessandrini. Aparecem depois os homens que contribuíram de forma activa, e sobretudo do ponto de vista técnico-científico, para a construção do projecto magalhânico: os cartógrafos Reinel, pai e filho, aqui abordados por Dejanirah Couto; o astrólogo Andrés de San Martín, estudado por Leonardo Ariel Carriò Cataldi; e os irmãos Faleiro, especialistas em questões cosmográficas, tratados por Edward Collins. Depois, o navegador Juan Sebastián Elcano, responsável pela efectiva conclusão da circumnavegação, que é biografado por Francisco Borja Aguinalalde. Enfim, os dois primeiros cronistas da viagem de circumnavegação, Maximiliano Transilvano e Pietro Martir de Anghiera, examinados por Emmanuelle Vagnon. Por razões diversas, ligadas sobretudo a dificuldades de respeitar prazos essenciais no movimento editorial de uma revista científica, ficaram de fora estudos sobre Estêvão Gomes, o piloto trânsito; Francisco Serrão, o amigo de Magalhães; Cristóbal de Haro, o financiador da expedição; Gonzalo Gómez de Espinosa, outro dos capitães; e António de Brito, o protagonista da contra-viagem manuelina. Ficarão decerto para uma próxima oportunidade. Entretanto, aqui fica um especial agradecimento aos sete

especialistas que aceitaram o nosso desafio, e respeitaram os prazos estabelecidos, contribuindo, todos de forma rigorosa e inovadora, para o presente dossier magalhânico.

**Dejanirah Couto**

École Pratique des Hautes Études, France. *E-mail:* dejanirahcouto@noos.fr.

**Rui Manuel Loureiro**

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes; CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4635-4096>. *E-mail:* descobrimentos@gmail.com.